

# *Manuscritos Novecentistas da Cidade de Castro-PR: o caso dos alçamentos*

NINETEENTH-CENTURY MANUSCRIPTS OF THE CASTRO-PR:  
THE CASE OF RAISING

Dayme Rosane **BENÇAL** \*  
Fabiane Cristina **ALTINO** \*\*

**Resumo:** Este estudo investiga a alternância das vogais médias altas /e/ e /o/ para /i/ e /u/, respectivamente, na pauta pretônica, presentes em manuscritos do século XIX, pertencentes à cidade de Castro, no Estado do Paraná. Como esse tipo de alternância, denominado de alçamento, não é um processo recente na língua portuguesa, buscamos evidências do uniformitarismo de Labov ao descrever os casos encontrados em documentos formais novecentistas em cotejo com os dados da oralidade contemporânea, disponibilizados por Bisol (1981), Viegas (1987, 2001), Bortoni et al. (1992), Kailer (2008), entre outros. Para isso, utilizamos os preceitos da Linguística Histórica associados aos da Teoria Variacionista, uma vez que associamos a abordagem qualitativa à quantitativa, partindo da perspectiva estrutural à histórico-social. Os resultados apontaram o processo de harmonização vocálica como o principal contexto para a aplicação da regra, seguido de ambiente nasal inicial, em consonância com os dados da oralidade. As consoantes labiodentais precedentes e bilabiais seguintes à pretônica foram mais produtivas para /e/; as alveolares precedentes para /o/. Nem todas as palavras se encaixaram nas regras estruturais testadas,

---

\* Mestre (2014) e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista CAPES/DS. Contato: daybencal@gmail.com.

\*\* Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2007). Pós-doutorado na Universidade Paris 13 – França (2011). Docente da Universidade Estadual de Londrina. Contato: fabiane\_altino@uol.com.br.

assim, o apuro individual nos direcionou para a constatação de que tanto a posição neogramática quanto a difusionista possuem importância na investigação da variação e mudança linguística.

**Palavras-chave:** Manuscritos de Castro-PR. Alçamento. História do português paranaense.

**Abstract:** This study focuses on the alternations of mid vowels /e/ and /o/ in the pretonic context, respectively, present in the XIX century manuscripts belonging to Castro - Paraná. As this kind of oscillation, called raising, is not a recent process in the Portuguese language, we seek for evidences of Labov uniformitarianism when describing the cases found in XIX century formal documents in comparison to the data of orality, made available by Bisol (1981) Viegas (1987, 2001) Bortoni et. al (1992), Kailer (2008). For this, we use the precepts of Historical Linguistics, joined to the Varionist theory, since we associate the qualitative approach to quantitative one, based on the structural perspective to the historical-social. The results indicated the vowel harmonization process as the main context for the application of the rule, followed by initial nasal context according to the data of orality. The precedent labiodental consonant and the next bilabial following the pretonic were more productive for /e/ and the precedent alveolar for /o/. Not all words fit into the structural rules, then, the individual investigation directed us to the realization that both neogrammarian position as the diffusionist one have importance in the investigation of variation and language change.

**Key-words:** Manuscripts from Castro-PR. Raising. History of Paranaense Portuguese.

## Introdução

O presente trabalho está inserido nas pesquisas desenvolvidas pelo projeto *Para História do Português Paranaense*<sup>1</sup>, em andamento na Universidade

---

<sup>1</sup> Doravante PHPP.

Estadual de Londrina, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Cristina Altino. Por não haver registros orais anteriores ao século XIX, o objetivo principal do PHPP é resgatar a história do português brasileiro<sup>2</sup>, baseado em manuscritos remanescentes dos séculos XVII, XVIII e XIX, pertencentes a antigas vilas constituintes do Estado do Paraná.

No intuito de buscar indícios de uma possível oralidade do PB, em especial o paranaense, do século XIX, verificamos em documentos que fazem parte do acervo histórico da cidade de Castro, dessa época, o comportamento das vogais médias pretônicas, atentando para a elevação de /e/ e /o/, como em *atrevíria* ~ *atrivíria* e *pasturas* ~ *pusturas*, determinada pela regra de harmonização vocálica, ou como em *devoluto* ~ *divoluto* e *sucesso* ~ *sucego*, caracterizando o fenômeno do alçamento, resultante da neutralização vocálica. A escolha desses processos não foi aleatória. Ao transcrevermos e editarmos os manuscritos, chamou-nos a atenção a recorrência de palavras alçadas<sup>3</sup> registradas em documentos oficiais que, por questões formais, exigem certo apuro ortográfico.

Muitas pesquisas de cunho fonético-fonológico investem no fenômeno do alçamento como traço dialetal de determinadas regiões do país, como, por exemplo, as de: Bisol (1981), pioneira na região sul do Brasil; Viegas (1987, 2001), em Minas Gerais; Callou (1986) e Callou et al. (2002), no Rio de Janeiro; Silva (1989), na Bahia; Kailer (2003, 2008), no Estado do Paraná, dentre outros autores.

Dessa forma, investindo-nos do princípio de uniformitarismo de Labov (1994, p. 829), o qual prevê que “*we can provide some plausible interpretations with principles which have full empirical support and so illuminate the past by the present as we do the present by the past*”<sup>4</sup>, propomos averiguar se o alçamento era um fenômeno comum nos registros do século XIX tal como podemos verificar empiricamente em certas variedades da oralidade contemporânea. Para isso: i) verificamos as ocorrências de palavras alçadas nos manuscritos; em seguida,

---

<sup>2</sup> Doravante PB.

<sup>3</sup> Neste artigo, utilizamos o item lexical *alçamento* para caracterizar tanto a harmonização vocálica quanto a neutralização.

<sup>4</sup> “Nós podemos fornecer algumas interpretações plausíveis com os princípios que têm suporte empírico e então iluminar o passado pelo presente, como fazemos o presente pelo passado.” (tradução nossa).

ii) identificamos os ambientes favorecedores do processo; e, então, iii) realizamos o cotejo dos resultados obtidos no século XIX com os de algumas pesquisas sincrônicas.

Como pressupostos teóricos e metodológicos, utilizamos os preceitos da Linguística Histórica aliados aos da Teoria Variacionista, de orientação laboviana, uma vez que associamos a abordagem qualitativa à quantitativa, descrevendo as alternâncias linguísticas em determinado tempo e espaço e, concomitantemente, buscamos a frequência e sistematização dessas ocorrências.

Quando se menciona o estudo da implementação da variação fonético-fonológica, logo sobressaem dois modelos teóricos que, embora distintos, contribuem potencialmente para os estudos de variação e mudança linguística: neogramático e difusão lexical. Assim, procuramos evidências de uma ou outra teoria nos dados analisados, como também conciliá-las, de acordo com a discussão levantada por Labov no artigo *Resolving the neogrammarian controversy*, de 1981.

Este artigo está organizado da seguinte forma: perfazemos o quadro teórico que permeia os fenômenos investigados, em seguida, caracterizamos os aspectos metodológicos adotados para, então, procedermos à análise e ao cotejo dos resultados obtidos em relação ao *corpus* escrito e os da oralidade sincrônica.

## 1 Breve Percurso Histórico

A história oficial relata que o primeiro contato do português em solo brasileiro foi com os índios que viviam em aldeias seminômades, os Tupi e os Guarani, e em vários pontos litorâneos, os Tupinambá e os Tupiniquim. De acordo com Silva Neto (1963), nesse momento da História, predominou a língua geral<sup>5</sup> – um pidgin<sup>6</sup> ou *coiné* simplificado, de origem tupi, que

---

<sup>5</sup> A língua geral, falada em toda a costa brasileira, “era simples e de reduzido material morfológico; não possuía declinação nem conjugação.” (SILVA NETO, 1963, p. 53).

<sup>6</sup> Naro e Scherre (2007, p. 31) discutem, baseados em Couto (2002), que a denominação *pidgin* é essencialmente a mistura da estrutura do colonizado e léxico do colonizador. Não foi o que aconteceu em solo brasileiro, e sim, o contrário, o léxico indígena e africano com estrutura portuguesa.

predominou até meados do século XVIII, principalmente nas regiões onde a catequese mais influiu.

Devido à resistência do índio ao trabalho escravo, foi necessário buscar nos africanos a mão de obra para as lavouras de cana-de-açúcar. Esses povos se adaptaram à língua geral, mas também desenvolveram um português crioulo<sup>7</sup> (CÂMARA JÚNIOR, 1976). Dessa forma, ao componente indígena soma-se a contribuição africana.

Além do contato indígena e africano, concordamos com Mattos e Silva que

... não se pode compreender a história do português no Brasil sem levar em conta, em pé de igualdade lingüística e não apenas como contraponto, os aloglotos, o percurso histórico das populações e suas línguas que aqui conviveram e convivem com a língua portuguesa. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 34).

Neste trabalho, o português brasileiro é apreendido como uma junção de vozes advindas de todos os que aqui habitavam e foram, a seu tempo, estabelecendo-se.

## 2 As Vogais Átonas Pretônicas

O português permaneceu ágrafo até o século IX e os documentos escritos desse período se reduzem a poucas inscrições. A reconstituição do quadro vocálico foi baseada em documentos do século XII, como os *Cancioneiros*, e também em manuscritos não literários, registrados a partir do século XIII. Todo esse material foi de suma importância para a descrição do quadro fonológico da língua portuguesa, uma vez que a escrita, denominada fonética<sup>8</sup>, era ainda desprovida de sistematicidade gráfica e, portanto, refletia

---

<sup>7</sup> O crioulo, de acordo com as explicações de Mattos e Silva “[...] é uma língua natural, de formação rápida, criada pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis.” (PEREIRA, Dulce. *Crioulos de base portuguesa*. s/d. Disponível em: <<http://migre.me/qqED8>>. Acesso em: 28 maio 2015).

<sup>8</sup> Uma descrição mais detalhada sobre os períodos pelos quais passou a ortografia da língua portuguesa está em Coutinho (1969, p. 72).

traços da oralidade. As primeiras intenções normativizadoras vieram no século XVI, com Fernão de Oliveira e João de Barros.

Câmara Júnior (1995) explica que, na passagem do latim para o português, as vogais tônicas, por receberem acento primário, foram as que mais se preservaram. Coutinho (1969, p. 102) assevera que dentre as vogais átonas, as pretônicas iniciais – que importam a este estudo – são as que mais resistiram à mudança. Tanto no português quanto no latim, das sete vogais tônicas, apenas cinco assumem a posição pretônica:

/i/                      /u/  
/e/              /o/  
/a/

Fonte: Câmara Júnior (1995).

No entanto, desde o latim vulgar o quadro das pretônicas apresenta oscilação, isto é, a alternância das vogais médias para altas não é um processo contemporâneo, tampouco restrito ao português. Silva Neto (1956, p. 110) explica que essa flutuação ocorria num sentido ascendente do /e/ e /o/ para /i/ e /u/, como em *tesouro* > *tisouro* (arc.) e *sorriso* > *surriso*; ou descendente do /i/ e /u/ para /e/ e /o/, como em *fūgīre* > *fogir* (arc.) > *fugir*.

Essa tendência à alternância era rechaçada pelos gramáticos do início do século XVI ao século XVIII, em Portugal, por ser evidente na fala popular (FREITAS, 2001, p. 14). A mesma autora observa que, no início do século XVIII, a pronúncia de palavras estava relacionada a estratos sociais e dialetos regionais. Silva Neto (1956), acrescentando o registro de D. Jerônimo de Algarve, documentou esse fato ao mencionar a tendência dos lisboetas em pronunciar o /e/ fechado, como característica do “bem falar”. Já as oscilações entre as médias altas e as altas, como em *p[e]daço* > *p[i]daço*, *d[i]zer* > *d[e]zer* (de dizer) eram peculiares a falantes de Algarve.

Viegas (1987), citando o trabalho de Thomas Hart (1955), explica que, provavelmente, no português arcaico, momento de oscilação entre as pretônicas, houve a fusão das vogais /e/ e /o/ em /i/ e /u/, respectivamente, e que a distinção entre elas foi reintroduzida por analogia com outras formas da mesma palavra.

Portanto, a alternância entre as pretônicas é um fato proveniente do latim, atingindo o português arcaico e chegando até os dias de hoje. Fernão de Oliveira, em 1536, já assinalava:

Das vogaes antre u e o pequeno ha tanta vezinhença q̄quasi nos confundimos dizendo hu)s somir e outros sumir: e dormir ou durmir /e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto antre i e e pequeno como memoria ou memorea/ gloria: ou glorea. (OLIVEIRA, 1536, Cap. XVIIJ).

### 3 Os Processos Envolvidos na Variação: harmonização vocálica e alçamento

É importante salientar a distinção entre os processos de harmonia vocálica e alçamento. Harmonização é um processo assimilatório de timbre vocálico, que ocorre em casos como *m[e]nino ~ m[i]nino, p[o]sturas ~ p[u]sturas*, quando a vogal média assimila o timbre da vogal alta. Bisol (1981, p. 259) defende que “a harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto”, como acontece em *v[e]stido e c[o]ruja*, geralmente utilizados na linguagem coloquial como *v[i]stido e c[u]ruja* (BISOL, 1981, p. 259).

O alçamento, também chamado de alteamento, é um processo de redução ou neutralização vocálica comum no PB, que alterna o traço [-alto] para [+alto] nas vogais médias altas em direção às altas<sup>9</sup>, que pode acontecer em posição pretônica, postônica não final ou postônica final, como em *pr[e]sidente ~ pr[i]sidente, pér[o]la ~ pér[u]la, dente[e] ~ dente[I]*, respectivamente, e pode ser influenciado pela presença de consoantes adjacentes.

De acordo com Bisol (2009), alçamento e harmonização são processos diferentes, uma vez que aquele consiste na redução e corresponde a um processo de neutralização, e este é resultado da assimilação de traços.

---

<sup>9</sup> O processo também pode ocorrer com as médias baixas (1º grau) em relação às médias altas (2º grau), porém, não é o foco deste estudo.

As pesquisas referenciadas também discutem a motivação das mudanças sonoras, ou seja, se a elevação das vogais médias altas é resultado de um processo neogramático, difusionista ou de ambos. De acordo com os estudiosos da primeira corrente, o alçamento acontece motivado por leis fonéticas que não admitem exceções, por isso foneticamente graduais e lexicalmente abruptas. Faraco (2007) salienta que, quando as mudanças não podem ser explicadas pelas leis fonéticas, ou seja, quando fogem às interpretações puramente fonológicas, os neogramáticos recorrem à interferência do plano gramatical no fônico, entendida como analogia a estruturas gramaticais existentes, ou ainda as relegam aos empréstimos linguísticos (mistura de dialetos). Já, os pesquisadores difusionistas aceitam que as mudanças sonoras admitem exceções e não se prendem somente aos aspectos fonéticos, conforme explica Faraco (2007, p. 150-151):

... uma unidade sonora pode mudar de maneira diferente duma palavra para outra, o que significa que a expansão das mudanças é lenta, progressiva e diferenciada tanto no espaço geográfico, quanto no interior do vocabulário, sendo isso decorrência do fato de as condições de uso em que cada palavra se encontra não serem idênticas.

Para os difusionistas, a origem da palavra deve ser considerada; por isso, a mudança é lexicalmente gradual e foneticamente abrupta, quer dizer, a palavra determina a sua história, independentemente dos contextos fonético-fonológicos do sistema. Toda mudança é considerada, não somente as regulares; e as exceções não são vistas como problemas, pois, segundo esses pesquisadores, na seleção lexical, os itens têm comportamentos diferentes, e são atingidos individualmente, e não abruptamente. Além disso, o modelo difusionista associa valores sociais no complexo entendimento do processo (VIEGAS, 2001).

#### **4 Aspectos Metodológicos**

Como o objetivo deste trabalho é descrever os registros alçados presentes nos manuscritos novecentistas da cidade de Castro, sistematizar os dados e cotejá-los com resultados contemporâneos, compilamos o montante de 50 documentos, totalizando 69 fólios.



Os manuscritos foram transcritos e editados de acordo com as regras semidiplomáticas, descritas em *Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina – Manuscritos Setecentistas e Oitocentistas*, publicadas por Aguilera e Baronas (2007). Neste tipo de edição, o pesquisador procura fazer mínima intervenção nos registros dos manuscritos, apenas para torná-los acessíveis à leitura do público menos especializado, primando pela fidelidade ao material analisado. Assim, as características ortográficas são mantidas, bem como acentuação e pontuação.

Os documentos pertencem a tipologias distintas: (i) 1 ata; (ii) 2 atestados; (iii) 1 auto; (iv) 8 cartas oficiais; (v) 2 cartas de sesmaria; (vi) 1 carta<sup>10</sup>; (vii) 3 certidões; (viii) 1 contrato; (ix) 1 declaração; (x) 1 orçamento; (xi) 5 pareceres; (xii) 1 prestação de contas; (xiii) 1 regimento; (xiv) 21 requerimentos; e (xv) 1 resolução.

Os dados alçados são contabilizados e estatisticamente quantificados por meio do programa Goldvarb X. Esse programa de análise computacional permite a obtenção do grau de variabilidade dos ambientes favorecedores do alçamento, bem como a produtividade do fenômeno em cada um dos contextos especificados.

No que se refere ao registro oral, para o cotejo, utilizamos os resultados disponibilizados por pesquisas do século XX e XXI que tratam da variação do sistema vocálico partindo de dados orais, como Bisol (1981), Viegas (1987), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Kailer (2008) e Avelheda (2013). Em Avelheda e Batista da Silveira (2011), encontramos resultados estatísticos referentes a dados escritos de séculos anteriores.

Em seguida à composição do *corpus*, transcrição e edição, buscamos: (i) quantificar as palavras que apresentaram ambiente pretônico, separando-as de acordo com a ocorrência de alçamento ou a manutenção das vogais médias altas; (ii) descrever os ambientes favorecedores do processo, de acordo com o programa estatístico; e (iii) verificar se a recorrência escrita diacrônica é estatisticamente análoga aos resultados sincrônicos orais. Para isso, elencamos uma variável dependente e nove variáveis independentes.

---

<sup>10</sup>O documento não foi categorizado como “carta oficial” por não ser remetido à autoridade.

## 4.1 Variável dependente

A variável dependente controlada nesta investigação focaliza a alternância das vogais médias /e/ e /o/ para <i> e <u>, como acontece em *s[e]guro* ~ *s<i>guro* e *c[o]stume* ~ *c<u>stume*, sempre em contexto pretônico, caracterizando o fenômeno do alçamento.

## 4.2 Variáveis independentes

Elencamos nove variáveis independentes com o intuito de verificar quais ambientes são favoráveis para a aplicação da regra, seguindo exemplos de contextos arrolados pelas pesquisas referenciadas<sup>11</sup>. Mesmo que tenham sido elencadas apenas variáveis de caráter linguístico, acreditamos que “nenhuma mudança acontece num vácuo social” (LABOV, 2008, p. 20), por isso, a investigação extralinguística é relegada para a sequência deste estudo. Ademais, o caráter sociolinguístico ainda permanece, uma vez que os documentos que compõem o *corpus* pertencem a uma determinada região do Paraná (Castro) e a um determinado período de sua história (século XIX).

Os ambientes testados nesta análise foram: (i) vogal presente na sílaba pretônica; (ii) vogal presente na sílaba tônica; (iii) vogal da sílaba seguinte; (iv) vogal da sílaba anterior; (v) localização da pretônica; (vi) trava silábica; (vii) ponto de articulação das consoantes adjacentes precedentes e seguintes às pretônicas; (viii) caráter morfológico das lexias; e (ix) classificação da palavra quanto à posição da sílaba tônica.

## 5 Análise dos Dados

Nos documentos analisados, contabilizamos 2.818 palavras com vogais médias altas na posição pretônica. Desse total, 1.778 (63,1%) são ocorrências com a vogal anterior e 1.040 (36,9%) são com a vogal posterior. Em relação aos registros atingidos pelo alçamento, verificamos que a vogal /e/ é mais

---

<sup>11</sup> Bisol (1981), Viegas (1987, 2001), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Kailer (2003, 2008, 2012).

propicia à aplicação da regra, em detrimento da vogal /o/, conforme ilustra o quadro a seguir:

**Quadro 1** – Total de alçamentos e manutenção de vogais médias

Alçamentos			Manutenção		Exemplos
Vogal	Total	%	Total	%	
/e/	43	2,4%	1735	97,6%	<i>Atr[<u>i</u>]viria/ C[<u>i</u>]miterio</i>
/o/	19	1,8%	1021	98,2%	<i>C[<u>u</u>]stume/ Inch[<u>u</u>]via</i>

Fonte: As autoras.

Neste primeiro quadro, também verificamos que a vogal presente na sílaba pretônica, ou seja, a primeira das variáveis independentes elencada, que mais propicia o alçamento das médias altas, é a vogal /e/, com 43 casos de aplicação da regra. Os pesos relativos ilustrados no Quadro 2 corroboram os números gerais, computando 0,590 para a vogal anterior, e 0,350 para a posterior. Esses resultados são semelhantes aos relacionados à oralidade, apontando para uma possível transposição da coloquialidade para a escrita.

**Quadro 2** – Resultados estatísticos referentes à quantidade de vogais médias pretônicas

Fatores/ vogais médias	Peso relativo	Apl./Total	Exemplos <sup>12</sup>
/e/ anterior	0,590	43/1778	<i>R[<u>e</u>]zidência/ D[<u>i</u>]voluto</i>
/o/ posterior	0,350	19/140	<i>Des[<u>o</u>]rganizado/ S[<u>u</u>]cego</i>
<i>Input 0,008</i>			<i>Significance 0,023</i>

Fonte: As autoras.

<sup>12</sup> Um exemplo se refere à vogal média mantida e o outro à vogal média alçada, evidenciando os dados totais e de aplicação da regra.

Em relação às demais variáveis, o programa selecionou apenas quatro grupos considerados relevantes para a aplicação do processo para as duas vogais. Para a vogal /e/, as variáveis foram: (i) consoante adjacente seguinte; (ii) vogal da sílaba seguinte; (iii) vogal da sílaba anterior; e (iv) consoante adjacente seguinte. Para a vogal /o/, os grupos selecionados foram: (i) trava silábica; (ii) consoante adjacente precedente; (iii) vogal da sílaba seguinte; e (iv) localização da pretônica. Todas as variáveis restantes foram descartadas na rodada multivariada do programa Goldvarb X.

Primeiramente expomos os resultados obtidos em relação à vogal anterior /e/ e, em seguida, à vogal posterior /o/.

### 5.1 Vogal anterior /e/

O programa estatístico elencou a variável Consoante Adjacente Precedente como mais relevante para o alçamento da vogal /e/. Autores como Bisol (1981), Viegas (1987) e Bortoni, Gomes e Malvar (1992) entre outros, acreditam que o contexto mais favorável para a aplicação da regra seja a vogal presente na sílaba seguinte, devido à condição de harmonização vocálica. No entanto, o Goldvarb X não apontou esse grupo como principal desencadeador da regra para nenhuma das vogais. Esse resultado é atribuído, provavelmente, à utilização de todos os registros alçados que compõem o *corpus*, sejam eles decorrentes de harmonização ou neutralização vocálica, no intuito de verificar outros condicionadores do processo. Isso nos leva a entender que o processo seja favorecido por harmonia, redução ou, ainda, por uma ação conjugada de fatores, conforme postula Bisol (1981, p. 258):

A mudança  $\underline{o} > \underline{u}$  e  $\underline{e} > \underline{i}$  pode ocorrer em contextos em que todos os fatores menos um sejam desfavoráveis, sendo o resultado apenas, por exemplo, da vogal alta na sílaba imediata. Pode ser o resultado de ação conjugada de fatores, por exemplo, da vogal alta da sílaba seguinte imediata e da consoante velar que precede a vogal em questão.

Para a vogal /e/, dentre os fatores elencados para esta variável, o contexto de ausência apresentou nocaute dos dados, sem nenhum caso de aplicação da regra. Já os ambientes palatal e bilabial precedendo a pretônica

anterior apresentaram apenas um caso de alçamento. Assim, esses fatores foram excluídos da rodada multivariada. Os fatores considerados relevantes para a aplicação da regra foram dois: alveopalatal e labiodental. Os fatores alveolar e velar não computaram pesos relativos considerados significativos para o alçamento da vogal /e/.

**Quadro 3** – Consoante Precedente e alçamento da vogal /e/

Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Alveopalatal	0,985	12/30	40	<i>De</i> [tʃi]rminar/ [dʒi]senvolvimento / [dʒi]liberação <sup>13</sup>
Labiodental	0,779	8/115	7	<i>Al</i> [i]rida/ <i>Com</i> [i]niencias/ <i>Com</i> [i]ri
Alveolar	0,403	14/843	1,7	<i>S</i> [i]guro/ <i>Atr</i> [i]viria/ <i>Con</i> [i]ssaõ/ <i>S</i> [i]smeiro
Velar	0,311	2/238	0,8	<i>R</i> [i]caírem/ <i>R</i> [i]porto
<i>Input</i> : 0.006				<i>Significance</i> : 0.000

Fonte: As autoras.

O resultado das velares não corrobora as estatísticas referentes à oralidade, como os de Bisol (1981), Viegas (1987), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), para quem essas consoantes são consideradas produtivas para a aplicação da regra para /e/. Bisol (1981, p. 93) explica que:

... as vogais altas, as mais convexas, são produzidas pelo levantamento do corpo da língua, seja em direção ao palato mole (u) seja em direção ao palato duro (i). Então, presume-se que as consoantes produzidas

<sup>13</sup> Como se trata de *corpus* escrito, e não havendo material sonoro disponível de séculos passados, a transcrição fonética das consoantes seguiu a pronúncia castrense contemporânea.

por articulação semelhante venham a favorecer o processo assimilatório em pauta, tanto a velar, articulada com o dorso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com todo o corpo da língua levantado. Ao contrário, a alveolar, cuja articulação se faz com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique um pouco levantada, tenderia a não favorecer o processo de harmonização, por não ter pontos de semelhança com a vogal assimiladora.

Dessa forma, conforme postula a autora, em relação às alveolares, os resultados da escrita dialogam com os da oralidade. Contudo, é salutar mencionar que a repetição de palavras e radicais, bem como a presença da vogal alta na sílaba seguinte – a harmonização vocálica –, comprometem os resultados para essa consoante. Dentre as 14 ocorrências, apenas *conciassaõ* e *sismeiro* não puderam ser explicadas por outra condição fonológica favorável.

O ambiente alveopalatal precedente à vogal /e/ favoreceu o alçamento e indicou o maior peso relativo do grupo, de 0,985. No entanto, dentre 12 ocorrências, apenas *dispeza*, *divoluto* e *disenvolvimento* não apresentam a vogal alta na sílaba seguinte, contribuindo para o processo de harmonização. De acordo com as pesquisas de Viegas (2001, p. 80), o morfema *des-* é favorável à aplicação da regra: “os itens com *des-* (morfema ou não) também são quase sempre alçados”; é o que parece ter contribuído para a elevação do /e/ em *dispeza* e *disenvolvimento*.

Em relação a esse grupo, é necessário salientar a questão da palatalização das alveolares [t, d], diante da vogal alta /i/. Nos dados de Cruz (2010) e Avelheda (2013), essas consoantes não se mostraram produtivas, no entanto, ao serem encontradas em seus dados, levantaram a questão da palatalização da vogal alta /i/ diante de uma alveolar [t] ou [d]. Avelheda (2013) utiliza Freitas (2003) e Lemos (2003) para comentar que, quando uma alveolar /t/ ou /d/ favorece o alçamento da anterior, esse fonema realiza-se pelos alofones [tʃ] e [dʒ] na maioria dos estados brasileiros, e esses alofones favorecem a aplicação da regra, e “o que ocorre, na verdade, é um comportamento inverso: é a ocorrência da vogal alta anterior [i] que propicia a ocorrência da [...] palatalização de [t, d]” (FREITAS, 2003 apud AVELHEDA, 2013, p. 103).

As labiodentais registraram o peso relativo de 0,779. No entanto, verificamos que todos os casos apresentaram uma vogal alta na sílaba contígua,

ou seja, não se pode atribuir a elevação da média à presença da labiodental no contexto precedente senão à força que a harmonização vocálica exerce na pretônica.

De acordo com Bisol (1981), as consoantes labiais são indiferentes à aplicação da regra, tendendo a desfavorecer o açamento de /e/ e favorecer o açamento de /o/. Para Klunck (2007) e Kailer (2008), os resultados das labiodentais beiram a neutralidade. Já para Avelheda (2013), essas consoantes são produtivas para a pauta de /e/.

O segundo grupo considerado mais relevante para o açamento de /e/ foi Vogal da Sílabla Seguinte; no entanto, mesmo sendo o segundo na hierarquia do Goldvarb X, a análise mais apurada dos dados nos mostra que o ambiente de harmonização vocálica é, por excelência, o mais produtivo nos registros escritos do século XIX. Os resultados seguem no Quadro 4:

**Quadro 4** – Vogal da Sílabla Seguinte e açamento da vogal /e/

Fatores	Peso Relativo	Apl./ Total	%	Exemplos
Vogais altas /i/ e /u/	0,856	28/407	6,9	<i>Comf[<u>i</u>]ri/</i> <i>S[<u>i</u>]gu<u>ro</u>/</i> <i>Comb[<u>i</u>]c<u>im</u>ento/</i> <i>D[<u>i</u>]l<u>ib</u>erac<u>ã</u>o</i>
Vogais nasalizadas	0,506	4/236	1,3	<i>D[<u>i</u>]s<u>en</u>v<u>olv</u>imento/</i> <i>[<u>I</u>]nt<u>an</u>to/</i> <i>Ac[<u>i</u>]g<u>uin</u>do/</i> <i>Repr[<u>i</u>]e<u>nd</u>endo</i>
Vogal baixa /a/	0,423	4/293	1,4	<i>[<u>I</u>]n<u>bar</u>asar/</i> <i>Lib[<u>i</u>]r<u>ad</u>e/</i> <i>R[<u>i</u>]c<u>ai</u>rem</i>
Ditongo oral	0,373	3/146	2,1	<i>S[<u>i</u>]s<u>me</u>iro/</i> <i>G[<u>i</u>]nt<u>iz</u>a/</i> <i>T[<u>i</u>]r<u>ia</u></i>
Vogais médias altas /e/ e /o/	0,285	2/613	0,5	<i>D[<u>i</u>]s<u>pe</u>za/</i> <i>D[<u>i</u>]v<u>ol</u>uto</i>
<i>Input: 0.006</i>		<i>Significance: 0.000</i>		

Fonte: As autoras.

Foram excluídos da análise binominal os fatores ditongo nasal e vogais médias baixas, por apresentarem apenas um caso de aplicação da regra.

Os resultados revelam que a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte contribui potencialmente para a elevação da vogal média /e/, registrando o peso relativo de 0,856 e 28 ocorrências de aplicação da regra, corroborando a maioria das pesquisas sobre alçamento de médias na oralidade, como a de Bisol (1981), Viegas (1987) e Kailer (2008), ratificando a regra de harmonização vocálica como principal propulsora do fenômeno.

O fator vogais nasalizadas obteve o peso relativo de 0,506, indicando neutralidade. Os demais fatores (vogal baixa, ditongo oral e vogais médias altas) registraram pesos relativos abaixo do índice neutro, ou seja, de 0,500, não evidenciando produtividade para a aplicação da regra. Dentre as palavras alçadas, todas puderam ser explicadas por outro condicionante fonológico, como em *intanto* e *repriendendo*. Este último item apresenta o contexto de hiato, considerado contexto favorável ao alçamento da anterior. Em *intanto* é necessário avaliar o ambiente inicial, considerado muito produtivo para a aplicação da regra, desde o português arcaico, conforme explicações de Naro (1971), Bisol (1981) e Viegas (2001).

Para Naro (1971), a elevação do /e/ em contexto inicial é herança do português arcaico:

Other archaisms which may be cited are the change of initial *e-* and *en-* to *in-* and the vocalic assimilation rule as a part of standard speech. The first-mentioned change, reflected in the Caipira examples *inzemplo* < *exemplo*, *imprego* < *emprego* (Amaral, 23-4), are quite common in pre-16th century texts and also in certain continental dialects. [...] Barreto (270) explicitly lists *-in* as a mistake for *en-* in the form *ingenbo* (see Williams 1962, sec. 92.3B), while Lião (1576:70v) condemns the back formation *estormento* for *instrumento*. (NARO, 1971, p. 624).<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup>“Outros arcaísmos que podem ser citados são as mudanças do *e-* inicial e do *en-* pelo *-in* e a regra de assimilação vocálica como parte da língua padrão. A primeira mudança mencionada refletida nos exemplos Caipiras *inzemplo* < *exemplo*, *imprego* < *emprego* (Amaral, 23-4), bastante comuns em textos anteriores ao século XVI e também em certos dialetos continentais. [...] Barreto (270) explicitamente lista *-in* como um erro para *-en* na forma *ingenbo* (ver Williams 1962, sec. 92.3B), enquanto Lião (1576:70v) condena a formação antiga *estormento* para *instrumento*.” (tradução nossa).



Para Bisol (1981), o alçamento da vogal anterior diante de /N/ ou /S/ é uma regra variável em contexto inicial; no entanto, os princípios para a produtividade desse contexto em sílaba interna não são os mesmos, mas podem estar em concordância.

Viegas (2001) concorda com Naro (1971) e explica que “para o /e/, o início de palavra parece ser favorecedor em sílaba travada em nasal ou fricativa. Estas palavras têm origem, na maioria dos casos, em [s] inicial ou processo de derivação com a preposição *em* (lat. *in*).” (VIEGAS, 2001, p. 129).

Sobre o fator da vogal baixa /a/, apenas *liberdade* não pôde ser explicada estruturalmente e deve ser examinada etimologicamente.

O terceiro grupo elencado pelo Goldvarb foi Vogal da Sílabla Anterior. Esse ambiente não é comumente considerado em trabalhos que tratam do alçamento na pauta pretônica, porém, por ser testado em análises que investigam as vogais postônicas, também foi submetido à nossa averiguação. Vieira (1994) realizou uma pesquisa sobre a elevação das médias postônicas em quatro regiões do Rio Grande do Sul e constatou que a assimilação nessa pauta é decorrente de um espraiamento do traço de altura da sílaba tônica para os extremos direito ou esquerdo da palavra. Conforme explica a autora:

Em palavras como *vizinho* e *índice*, as vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica elevam com mais facilidade do que em palavras que não contêm vogal alta. Configura-se, em princípio, um processo de assimilação progressiva de traços das vogais altas por parte das vogais médias. (VIEIRA, 1994, p. 55).

Neste estudo, o nosso intuito é verificar a influência da altura da vogal anterior para a aplicação da regra no contexto pretônico. Os resultados fornecidos pelo programa estatístico foram:

**Quadro 5** – Vogal da Sílabla Anterior e alçamento da vogal /e/

Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Vogais nasalizadas	0,816	9/120	7,5	<i>Conc[ĩ]saõ/</i> <i>End[ĩ]nizãr/</i> <i>Comf[ĩ]ri/</i> <i>Conv[ĩ]niente</i>
Vogal baixa /a/	0,747	4/87	4,6	<i>Ac[ĩ]guindo/</i> <i>Atr[ĩ]viria/</i> <i>Af[ĩ]riçaõ/</i> <i>Af[ĩ]rida</i>
Ausência + Fronteira Silábica	0,537	26/1207	2,3	<i>G[ĩ]ntio/</i> <i>R[ĩ]cairem</i> <i>#[I]mbarasar</i> <i>#[I]nchuvia</i>
Vogais médias altas /e/ e /o/	0,198	3/324	0,9	<i>Pod[ĩ]ria/</i> <i>Det[ĩ]rminar/</i> <i>Repr[ĩ]endendo</i>
<i>Input: 0.006</i>				<i>Significance: 0.000</i>

Fonte: As autoras.

Os fatores vogais médias baixas e ditongo oral foram excluídos por apresentarem nocaute, com 100% de manutenção das pretônicas. O contexto de vogal alta registrou apenas uma ocorrência de aplicação da regra, sendo, também descartado da análise binomial, indo de encontro à constatação de Vieira (1994). As palavras com glides, como *in[a<sup>w</sup>]teração*, *[a<sup>w</sup>]venaria*, foram tratadas como ditongos, o que nos levou a descartar as codas em /l/ da rodada multivariada.

Optamos por amalgamar os fatores fronteira silábica e ausência, uma vez que nosso objetivo é analisar a influência da altura da vogal anterior e, mesmo assim, o fator não foi muito além do índice de neutralidade,

computando o peso relativo de 0,537. Já expusemos que o contexto inicial seguido de silêncio é condicionante praticamente categórico do alçamento de /e/.

O ambiente de vogal nasalizada antecedendo a pretônica foi o mais produtivo nessa análise, indicado pelo peso relativo de 0,816. Interessante ressaltar que a análise individual dos dados mostrou que, dentre as ocorrências de alçamento neste fator, apenas *conciassaõ* não possui uma vogal alta precedendo a pretônica, as demais apresentam ambiente de harmonização vocálica.

O fator vogal baixa /a/, embora tenha computado o peso relativo de 0,747, não pode ser considerado produtivo, uma vez que todas as ocorrências apresentam, também, o ambiente de harmonização vocálica. A presença de uma vogal média anterior à pretônica não foi considerada produtiva na amostra analisada, registrando o peso relativo de 0,198, corroborado pela análise individual, que mostrou outro ambiente favorecedor em todas as ocorrências.

Klunck (2007) e Cruz (2010) disponibilizam resultados da variedade falada em Porto Alegre para esta variável. Em relação ao fator vogais médias, os resultados disponibilizados pelos autores dialogam com os desta investigação, ao apresentarem valores próximos ao ponto neutro.

A partir dos resultados obtidos nesta variável, é possível constatar que os fatores analisados não podem ser considerados produtivos para a aplicação da regra de alçamento para a vogal /e/, uma vez que há preponderância da regra de harmonização vocálica nos dados que compõem esses fatores.

O último grupo selecionado pelo Goldvarb X, para a vogal /e/, foi Consoante Adjacente Seguinte. Os resultados seguem no Quadro 6:

**Quadro 6** – Consoante Seguinte e alçamento da vogal /e/

Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Bilabial	0,903	9/124	7,3	<i>C[i]m[ɛ]terio/ [l]m[ɛ]barasar/ D[i]b[ɛ]itado R[i]p[ɛ]orto</i>
Labiodental	0,686	3/127	2,4	<i>Atr[i]v[ɛ]ria/ D[i]v[ɛ]luto/ Pr[i]v[ɛ]nido</i>
Velar	0,586	4/226	1,8	<i>R[i]c[ɛ]irem/ S[i]g[ɛ]uro/ Ac[i]g[ɛ]uido/ H[i]n[ɛ]rique</i>
Alveolar	0,406	24/1050	2,3	<i>Pr[i]s[ɛ]dente/ Emf[ɛ]l[ɛ]is/ Af[ɛ]r[ɛ]içãõ S[ɛ]r[ɛ]iço</i>
Alveopalatal	0,333	2/81	2,5	<i>G[ɛ]n[ɛ]tio/ [l]n[ɛ]huvia</i>
<i>Input: 0.006</i>				<i>Significance: 0.000</i>

Fonte: As autoras.

Na rodada multivariada, foram excluídos os fatores ausência e palatal. O primeiro por apresentar apenas uma ocorrência de alçamento, e o segundo, por gerar nocaute, com 100% de manutenção da média.

Na amostra analisada, as consoantes labiais se mostraram relevantes para a produtividade do fenômeno: a bilabial com peso relativo de 0,903 e as labiodentais com o peso relativo de 0,686. No entanto, nessa variável, novamente verificamos que a repetição de palavras e radicais comprometeu a regularidade do processo. Por exemplo, no contexto bilabial, de nove ocorrências de alçamento, cinco se referem ao mesmo vocábulo: *cimiterio*. As demais apresentam ambiente favorecedor, como a vogal alta na sílaba contígua (*dibitado*), ambiente nasal inicial (*imbarasar/imbarasarmos*) ou velar precedendo a pretônica (*ricairem*) que, conforme visto anteriormente, é contexto produtivo para /e/.

Em relação às labiodentais, apesar do peso relativo de 0,686, apenas *divoluto* não apresenta ambiente de harmonização vocálica.

Esse resultado, embora comprometido, devido à escassez de dados escritos e repetição de itens lexicais, vai de encontro ao encontrado por Bisol (1981), para quem as labiais são inibidoras do alçamento de /e/ no contexto seguinte. Já para Klunck (2007) e Avelheda (2013) essas consoantes são favorecedoras. Kailer (2008) distingue as labiais das labiodentais, ambas improdutivas para a elevação de /e/. A autora expõe que, em seus dados, os casos de elevação da pretônica contendo essas consoantes no contexto seguinte apresentaram outro ambiente favorecedor, como a vogal alta na sílaba contígua, ou a pretônica iniciava a palavra.

As consoantes velares ultrapassaram ligeiramente o limite da neutralidade, com o peso relativo de 0,586. No entanto, a análise pontual dos dados mostra que essas consoantes não podem ser consideradas produtivas nos dados arrolados, uma vez que apenas um caso (*ricaiem*) não apresentou harmonização vocálica. Esse resultado contraria a maioria das pesquisas que tratam do alçamento de médias, como o de Bisol (1981), Klunck (2007) e Kailer (2008) que apontam a consoante velar como produtiva, em se tratando da vogal anterior.

Os fatores alveolar e alveopalatal não revelaram relevância para a elevação da média /e/, com os pesos relativos de 0,406 e 0,333, respectivamente. Embora o número de ocorrências seja relativamente alto para as alveolares (24), ao analisarmos individualmente os dados, verificamos que somente três delas (*concição*, *sismeiro* e *libirdade*) não possuem ambiente favorecedor (vogal alta na sílaba contígua, nasal inicial), ou seja, o total de palavras cai expressivamente, corroborando o baixo peso relativo. Nas amostras de Bisol (1981) e Avelheda (2013), esse contexto também foi considerado desfavorável, segundo Bisol, por questões articulatórias, uma vez que a língua fica em posição razoavelmente plana e a vogal alta não tem pontos semelhantes com essa consoante.

## 5.2 Vogal posterior /o/

Na hierarquia do Goldvarb X, a variável Trava Silábica ficou elencada em primeiro lugar para a vogal posterior /o/. Neste grupo de fatores, os dados foram analisados considerando apenas as codas em /N/, /R/ e

/S/. A coda em /l/ foi desconsiderada, conforme exposto anteriormente. Os resultados seguem no quadro:

**Quadro 7** – Trava Silábica e alçamento da vogal /o/

Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
/S/	0,907	4/23	17,4	<i>C[u]stumados/ P[u]sturas/ C[u]stume</i>
/N/	0,456	3/216	1,4	<i>Apr[u]ntar/ C[u]mpimento</i>
<i>Input: 0.034</i>				<i>Significance: 0.030</i>

Fonte: As autoras.

O fator /R/ foi descartado da análise binomial por apresentar apenas uma ocorrência de alçamento. O fator que mostrou relevância para a aplicação da regra foi a coda em /S/, computando o peso relativo de 0,907, em detrimento do travamento nasal, com o peso relativo de 0,456, mostrando ser desfavorável ao alçamento de /o/.

De acordo com as pesquisas que tratam do alçamento de médias, a coda em /S/ registra valores expressivos em relação à vogal anterior; no entanto, encontramos poucas referências sobre a elevação da vogal posterior. De modo geral, como expõe Avelheda (2013), é fato empiricamente observado o alçamento do /o/ em palavras como *custume*, e a não aplicação da regra em verbos como *gostar* e *mostrar*.

Para as pesquisadoras Bortoni, Gomes e Malvar (1992), a elevação da vogal média travada em /S/ está relacionada, também, com a presença de uma vogal alta na sílaba contígua. Ao verificarem que palavras como *vestir/ vestido* tiveram as vogais alçadas em detrimento de *vestibular*, que não alçou, as autoras comentam que podem estar “diante de evidência de condicionamento lexical, uma vez que não se identifica qualquer explicação neogramática para este fenômeno” (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992, p. 19). Em toda a amostra das pesquisadoras, o segmento seguinte em /S/ teve o maior percentual para /e/, em detrimento do percentual para a vogal /o/.

Em relação à trava nasal, segundo Bisol (1981), a vogal posterior parece ser menos propensa à elevação em contexto oral. Também para Kailer (2008), a coda nasal antecedida de /o/ não é ambiente favorável para a aplicação da regra.

A variável Consoante Precedente foi selecionada como segunda mais significativa para o fenômeno. Os contextos de ausência e das palatais apresentaram 100% de manutenção da regra. Os ambientes com bilabial, labiodental e alveopalatal apresentaram apenas um caso de alçamento, por isso, esses cinco grupos foram excluídos da análise binomial. Os resultados obtidos para essa variável seguem no quadro:

**Quadro 8** – Consoante Precedente e alçamento da vogal /o/

Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Alveolar	0,569	7/207	3,4	<i>Apr<u>[u]</u>ntar/ Aut<u>[u]</u>ridades/ S<u>[u]</u>cego/ S<u>[u]</u>ada<sup>15</sup>/ Des<u>[u]</u>cupar</i>
Velar	0,455	9/321	2,8	<i>C<u>[u]</u>stume/ C<u>[u]</u>stumados/ Disc<u>[u]</u>brio/ R<u>[u]</u>cio/ C<u>[u]</u>adjutor</i>
<i>Input: 0.034</i>				<i>Significance: 0.030</i>

Fonte: As autoras.

Os dois fatores que entraram na rodada multivariada vão de encontro a alguns resultados provenientes da oralidade. Primeiramente, é necessário salientar o ponto de articulação das consoantes velares e alveolares. De acordo com Bisol (1981), as consoantes velares tendem a favorecer o alçamento das médias, uma vez que possuem articulação alta, diferentemente das alveolares, que não possuem pontos de semelhança com a vogal assimiladora, pois a

<sup>15</sup>Soada: rumor confuso, proveniente de música ou canto longínquo. (HOUAISS, 2001).

articulação se faz com a língua razoavelmente plana (BISOL, 1981, p. 93). Assim, os resultados da amostra proveniente da escrita do século XIX não corroboram os da oralidade contemporânea para a vogal posterior, uma vez que as alveolares registraram o peso relativo de 0,569 e as velares, de 0,455.

Em relação às velares, dentre as palavras alçadas, apenas *cuadjutor* e *sucego* não possuem outro condicionamento fonológico favorecedor, ou seja, a elevação pode apresentar alguma explicação etimológica. Em *suada*, há a questão do hiato seguido da vogal baixa /a/, discutida por Kailer (2008) como contexto favorecedor da elevação de /o/. Nos dados da autora, mesmo não registrando peso relativo favorável, palavras contendo esse ambiente alçaram 28 vezes. Ao excluir os hiatos, restou apenas um caso de aplicação da regra.

Nos dados de Viegas (1987), Bortoni Gomes e Malvar (1992), as velares também não se mostraram produtivas no contexto precedente da posterior /o/. Na amostra de Klunck (2007), essas consoantes registraram produtividade e, para Kailer (2008), esse contexto é praticamente neutro.

Dentre as alveolares, apenas o item *aprontar* não possui ambiente de harmonização vocálica e também será examinado etimologicamente.

A terceira variável elencada pelo programa foi Vogal da Sílabla Seguinte.

**Quadro 9** – Vogal da Sílabla Seguinte e alçamento da vogal /o/

Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Vogais altas /i/, /u/	0,632	11/260	5	<i>C[u]stume/ De[u]cupar/ Aut[u]ridade/ P[u]sturas</i>
Vogais nasalizadas	0,450	2/87	2,3	<i>D[u]mingues/ D[u]mingus</i>
Vogal baixa /a/	0,342	4/189	1,1	<i>C[u]adjutor/ Apr[u]ntar/ S[u]ada</i>
<i>Input: 0.034</i>				<i>Significance: 0.030</i>

Fonte: As autoras.



Quatro fatores foram excluídos da análise multivariada: vogais médias e ditongo oral, por apresentarem apenas uma ocorrência de aplicação da regra; vogais médias baixas e ditongo nasal, por registrarem 100% de manutenção da média. O único fator que se mostrou relevante para o alçamento da posterior foi o das médias altas /i/ e /u/, com o peso relativo de 0,632, caracterizando o processo de harmonização vocálica. De acordo com Bisol (1981), para o alçamento de /o/, o fator de ação positiva mais forte é a presença de uma vogal alta (/i/ ou /u/) na sílaba seguinte. Essas vogais foram consideradas produtivas também por Kailer (2008).

Os demais (vogais nasalizadas e vogal baixa) não revelaram produtividade para a elevação de /o/, computando pesos relativos abaixo de 0,500. Em relação às vogais nasalizadas, verificamos que a sílaba nasal possui uma vogal alta, não escapando à regra de harmonização.

Kailer (2008) discute a presença de uma vogal baixa /a/ na sílaba seguinte como contexto produtivo à aplicação da regra, se em contexto de hiato.

A última variável selecionada é Localização da Pretônica. Os valores seguem no quadro:

**Quadro 10** – Localização da Pretônica e alçamento da vogal /o/

Fatores	Peso Relativo	Apl./Total	%	Exemplos
Medial	0,576	5/286	1,7	<i>Des<u>[u]</u>cupar/ Inch<u>[u]</u>via/ Apr<u>[u]</u>ntar/ Disc<u>[u]</u>brio/ Aut<u>[u]</u>ridades</i>
Inicial + Frenteira Silábica	0,471	14/754	1,9	<i>C<u>[u]</u>stume/ S<u>[u]</u>cego/ F<u>[u]</u>rtunato/ R<u>[u]</u>cio/ P<u>[u]</u>sturas</i>
<i>Input: 0.034</i>				<i>Significance: 0.030</i>

Fonte: As autoras.

A maioria das pesquisas que tratam do alçamento de médias na pauta pretônica investiga a questão da contiguidade da sílaba pretônica em relação à tônica e da qualidade fonética da átona. Analisando a questão da contiguidade, Bisol (1981) atribuiu valores às sílabas, da menor à maior aproximação da tônica; no entanto, os resultados que a autora traz são aproximativos, uma vez que o número escasso de dados e as exceções dificultaram a regularidade do processo.

Pesquisas como a de Klunck (2007) e Avelheda (2013) concluíram que o alçamento da pretônica é favorecido pela relação de proximidade com a tônica. Em artigo de 2011, Avelheda e Batista da Silveira comentam que a ausência de segmento fonológico precedente é produtiva para a elevação da média alta, o que não corrobora os resultados desta pesquisa.

Os valores estatísticos fornecidos pelo Goldvarb X revelam o fator medial como produtivo à aplicação da regra, com o peso relativo de 0,576, entretanto, apenas uma ocorrência de alçamento nesse fator (*apruntar*) não apresenta o contexto de harmonização.

Os fatores fronteira silábica e inicial foram amalgamados e, mesmo assim, não computaram valor expressivo, registrando o peso relativo de 0,471.

Conforme nos propusemos no início deste artigo, nosso objetivo é verificar a flutuação das vogais médias altas na pauta pretônica e, para isso, analisamos, além do condicionamento estrutural, ponto central dos estudos neogramáticos, a etimologia dos vocábulos, partindo para uma visão histórica. Assim, partimos para uma revisão sobre a trajetória temporal dos itens lexicais que não se encaixaram na explicação fonológica estrutural.

## **6 Discussão Etimológica**

Conforme visto na análise estrutural, nem todos os casos de alçamento das médias pretônicas analisados puderam ser explicados por meio do condicionamento fonológico, conforme previam os difusionistas, em contraponto aos neogramáticos que acreditavam na regularidade da mudança, lexicalmente abrupta e foneticamente gradual. Assim, os itens que não se encaixaram em regras previamente estabelecidas, foram examinados etimologicamente nas obras de Madureyra Feyjo (1734), Cunha (1986) e

Houaiss (2001). Os itens investigados foram: *apruntar*, *concição*, *cuadjutor*, *divoluto*, *libirdade*, *ricairem*, *sismeiro* e *sucego*.

Na obra de Feyjo (1734), encontramos o vocábulo *concessão* e não *concição*. Também a palavra *libardade* é registrada como erro, em detrimento de *liberdade*. A única palavra que consta alçada já no século XVIII é *sismeiro*, evidenciando raízes históricas.

Nos demais itens lexicais não foram encontradas oscilações entre vogais médias e altas em nenhuma das obras consultadas. Assim, é possível conjecturar que a alternância dessas vogais nos manuscritos do século XIX seja o reflexo de uma possível oralidade castrense.

Verificamos, também, que palavras com mesmo ambiente estrutural de *concição* e *apruntar* (registradas com vogais médias elevadas), não alçaram, como *prontamente* e *sessão*, direcionando nossas constatações para a possibilidade de condicionamento lexical. Fica evidente, nesses casos, que regras estruturais não conseguem dar conta de todas as variações ocorridas com as vogais médias altas pretônicas, uma vez que não atingem todos os itens com ambiente fonológico igual ao mesmo tempo.

## Considerações Finais

Os dados arrolados, provenientes da escrita novecentista castrense, bem como o cotejo realizado nesta investigação, revelam que o fenômeno do alçamento parece ser mais evidente na oralidade em detrimento da escrita. No entanto, como não há registros orais anteriores ao século XX, os manuscritos são a principal fonte para uma possível descrição da língua em uso em sincronias passadas.

Antes de iniciar a pesquisa, sabíamos da baixa produtividade do fenômeno em registros escritos, e é nesse fato que se debruça a justificativa desta investigação: na existência, embora pequena, de palavras contendo oscilações de vogais médias pretônicas em documentos oficiais. Se esses documentos exigem, de certo modo, certa formalidade ortográfica, a presença de itens lexicais alçados pode revelar uma possível língua em uso daquela região, naquele determinado período de sua história.

De acordo com os resultados obtidos na amostra analisada, é possível depreender que no processo de alçamento de médias pretônicas agem duas

forças que, embora trilhem caminhos diferentes, seguem na mesma direção: o condicionamento fonológico (neogramática) e o condicionamento lexical (difusionista). Tanto a mecanicidade das regras quanto o funcionalismo lexical possuem sua cota de importância para a implementação da mudança linguística. O sistema vocálico apresenta oscilações desde sua origem latina, conforme apontam os trabalhos de Bisol (1981) e Viegas (2001), e essas alternâncias ora se apresentam como “leis gerais”, ora como um processo lexical individual.

A regra de harmonização vocálica, ou seja, a variável Vogal da Sílabla Seguinte, embora não tenha sido elencada pelo programa estatístico como maior favorecedora do processo, mostrou-se a mais produtiva, conforme apuro individual dos casos de aplicação da regra. Os contextos consonantais adjacentes mostraram-se relevantes; no entanto, o exame minucioso dos dados evidenciou que a maioria dos vocábulos elencados nessas variáveis apresentava o contexto de harmonização vocálica ou outros ambientes considerados categóricos para a elevação das médias, principalmente da anterior, como o ambiente nasal inicial.

Alguns casos de alçamento de média anterior e posterior já apresentavam flutuação no século XVIII, como os casos de *sismeiro*, registrado como erro em Madureyra Feyjo (1734) e *custume*, que se remete ao português arcaico, estendendo seu uso pelos séculos XIV, XV e XVI (VIEGAS, 2001) e, como se pode verificar empiricamente, até os dias de hoje. Tais constatações podem fomentar a ideia levantada pelos neogramáticos e considerar que a mudança linguística é regida por regras que evoluíram do passado (XIX) em direção ao presente (XX e XXI), corroborando o uniformitarismo de Labov.

Assim, constatamos, nos dados analisados, que tanto a posição neogramática quanto a difusionista possuem seu estatuto de importância nas análises que investigam o tema, apontando-se apenas um ou outro foco, a depender do estudo em pauta.

## Referências

AGUILERA, V. de A.; BARONAS, J. E. de A. (Orgs.). *Scripturae nas VILLAS de São Luiz de Goaratuba e Antonia*. Manuscritos Setecentistas e Oitocentistas. Londrina: Fundação Araucária, 2007.

AVELHEDA, A. C. da. *O alteamento das vogais médias pretônicas no município de Nova Iguaçu: análise sociolinguística e acústica*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

AVELHEDA, A. C. DA; BATISTA DA SILVEIRA, E. F. Vogais médias pretônicas: uma análise pancrônica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2011. p. 465-479.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, a. 1, v. 1, p. 9-29, 1992.

CALLOU, D. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 5, n. 1, p. 151-162, 1986.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. A elevação de vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 9-24, 2002.

CÂMARA JR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria, 1976.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1995 [1970].

COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

- CRUZ, M. C. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS: um estudo sobre o açamento sem motivação aparente*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- FREITAS, S. N. de. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KAILER, D. A. *O uso do /o/ pretônico no falar rural paranaense*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- KAILER, D. A. *Vogais pretônicas /e/ e /o/*: um estudo em tempo aparente. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.
- KAILER, D. A. Açamento da vogal pretônica /o/ em duas regiões paranaenses. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 15, p. 201-212, 2012. Disponível em: <<http://migre.me/wpOfE>>. Acesso em: 29 maio 2015.
- KLUNCK, P. *Açamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, Baltimore, v. 57, n. 2, p. 267-308, 1981.

- LABOV, W. *Principles of Linguistic change*. Internal factors. Pennsylvania: Blackwell Publishing, 1994. v. 1.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MADUREYRA FEYJO, J. de M. *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa para uso do excelentíssimo Duque de Lafoens*. 2. ed. Coimbra: Na Officina de Luis Seco Ferreyra, 1734. Disponível em: <<http://migre.me/qoTuv>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- NARO, A. J. The history of e and o in Portuguese: a study in linguistic drift. *Language*, v. 47, n. 3, p. 615-645, 1971.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- OLIVEIRA, F. *Grammatica da linguagem portuguesa*. Lisboa: Germam Galharde, 1536.
- PEREIRA, D. *Crioulos de base portuguesa*. [s.d.]. Disponível em: <<http://migre.me/qoED8>>. Acesso em: 28 maio 2015.
- SILVA NETO, S. *Fontes do latim vulgar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.
- SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.
- VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEGAS, M. C. *O alicamento de vogais e itens lexicais*. 2001. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEIRA, M. J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. 1994. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Recebido em: 20/04/2015

Aceito: 09/06/2015